



DANÇAS DE PERIFERIA E DA CULTURA HIP HOP: contextos, perspectivas, propostas pedagógicas, outros desdobramentos e problematizações

Ana Cristina Ribeiro Silva¹
<https://orcid.org/0000-0001-8370-0704>

Daniel Santos Costa²
<https://orcid.org/0000-0003-3733-471X>

Vanilto Alves de Freitas (Lakka)³
<https://orcid.org/0000-0003-1100-0658>

Rafael Guarato⁴
<https://orcid.org/0000-0001-9710-4364>

¹ Doutorado em Artes da Cena (2021) Unicamp. Mestrado em Artes da Cena (2014) Unicamp. Licenciatura Plena em Educação Física (2004) Puc-Campinas. Professora do Magistério Superior Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Dedicção exclusiva. Artista e estudiosa das conexões da Cultura Hip-hop com educação somática, anatomia, fásia, preparação corporal e diáspora africana. Autora dos livros Dança de Rua (segunda edição revisada e ampliada 2025), Laboratório Hip-hop (2021), Eclipse (2021), Dança de Rua (2011). <https://www.eclipse.art.br/cris-pesquisas/> / ana.cristina@ufpel.edu.br

² Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente efetivo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), atua na Escola de Educação Básica – Colégio de Aplicação (ESEBA/UFU). Integra o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e o Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), vinculados ao Instituto de Artes (Iarte/UFU). Possui formação em Dança, Teatro, Pedagogia e Educação Especial. Atua como bailarino, ator, professor e pesquisador, desenvolvendo práticas e investigações que articulam artes da cena, educação, corporeidade, inclusão e processos formativos, com ênfase nas pedagogias críticas e no diálogo entre criação artística e contextos educativos. Pós-doutorando em Educação (PPGED - FAGED - UFU). E-mail: grdcosta@gmail.com. Site: <http://www.danielcosta.art/>.

³ Lakka é Doutor em Artes Cênicas pelo (UFBA), Mestre em Artes (UFU) e Bacharel em Ciências Sociais (UFU). Artista da dança premiado em 2005 pela (APCA), possui sua formação marcada pela vivência no universo da Dança de Rua e da Dança Contemporânea. Apresentou seus trabalhos coreográficos e ministrou aulas em diversas cidades brasileiras e em mais 17 países entre a América do Sul, América Central, Europa e África. Dentre suas criações estão Dúbbio” (2003), “O Corpo é a Mídia da Dança? - Outras Partes” (2005/2007), Mono-blocos (2013), Ñ Presencial + Face a Face (2023) e “Recrutar” (2025). É atualmente professor no bacharelado em dança da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e membro da diretoria da APDU (Associação dos Profissionais de Dança de Uberlândia). [@vaniltonlakka](http://www.lakka.com.br)

⁴ Historiador da dança, professor do curso de graduação em Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor dos livros "Dança de rua: corpos para além do movimento" (2008) e "Ballet Stagium e a fabricação de um mito" (2019). Um dos idealizadores e Editor-Chefe da Revista Brasileira de Estudos em Dança (ANDA/UFRJ/A2). Atualmente é Diretor da Associação Goiana de Danças (GODAN) e Diretor Artístico do Grupo Três em Cena (GO).

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê nasce do desejo de promover uma *cypher* editorial, um círculo simbólico no qual corpos, vozes e pensamentos dançam em torno da Cultura Hip-Hop e das Danças Urbanas em suas múltiplas dimensões artísticas, políticas e pedagógicas. Trata-se de uma proposta pioneira no país, que reúne hip-hoppers, artistas, educadores e pesquisadores que, a partir de territórios diversos, constroem epistemologias periféricas e insurgentes.

Mais do que reunir artigos, este dossiê articula práticas e teorias, academia e rua, arte e resistência. Propõe-se como um espaço de diálogo e enfrentamento, entre a rua e a universidade, entre o gueto e o livro, entre o corpo e a palavra. Em cada texto, desenham-se mapas afetivos e históricos que buscam compreender os modos de existir e criar em meio às fissuras coloniais, aos tensionamentos institucionais e às potências das danças negras e periféricas que reinventam o Brasil contemporâneo.

1. Cenário da Cultura Hip-h Hop de Criciúma e no estado de Santa Catarina: temporalidades, território e memória cultural

Abrindo o dossiê, este artigo traça um mapeamento afetivo e histórico da Cultura Hip-hop catarinense, revelando memórias subterrâneas e trajetórias de resistência. A pesquisa autoetnográfica conecta *blogs*, canais digitais e relatos de fazedores da cultura, compondo uma história construída “com ou sem recursos”. A narrativa evidencia os grupos pioneiros e a força dos coletivos locais que, por meio da organização comunitária, transformam a arte em política cultural.

2. Breaking nas Olimpíadas e o caso da australiana: reflexões desde a encruzilhada

Neste texto, o *Breaking* é analisado a partir de uma encruzilhada ética e estética — entre arte, esporte, mercado e resistência. O autor discute o impacto da inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos de 2024, articulando o episódio de linchamento virtual de uma *bgirl* australiana a debates sobre interseccionalidade, colonialidade e poder. O artigo é um chamado à crítica desde dentro da própria comunidade do *Breaking*, reafirmando o papel político da dança frente às dinâmicas globais de visibilidade e exclusão.

3. Uma proposta metodológica para a dança Breaking com foco nas propriedades dos pisos: entendendo affordances como representações proporcionadoras de ações incorporadas contra o enativismo

Em diálogo com a filosofia da mente e a teoria da ação, este artigo propõe um modelo inédito para o ensino do *Breaking*. O texto investiga o conceito de *affordances* e desenvolve uma abordagem representacional das percepções e ações corporais. Trata-se de um trabalho denso e inovador, que une rigor teórico e experiência prática, reposicionando o corpo dançante como sujeito epistêmico capaz de produzir conhecimento sobre si e sobre o espaço.

4. Processos corporais no Hip Hop Dance: contribuições da técnica Klauss Vianna

O artigo entrelaça *Hip-h Hop Dance* e Educação Somática, especialmente a técnica Klauss Vianna, propondo caminhos para uma prática pedagógica que integra consciência corporal, ludicidade e expressão. A autora articula o diário de bordo das alunas com reflexões sobre a escuta do corpo, afirmando a dança como prática de autoconhecimento e invenção. O texto ilumina o diálogo entre pedagogia do corpo e “danças urbanas”, abrindo espaço para a sensibilidade como método.

5. Em busca do melhor round: os sentidos da batalha na dança Krump

A partir de uma etnografia envolta em vivência, o artigo mergulha no universo do *Krump*, linguagem nascida da urgência e da força coletiva. A batalha é compreendida não como confronto, mas como ritual de reconhecimento, superação e pertencimento. Entre técnica e espiritualidade, o texto revela que dançar o “melhor *round*” é também **performar humanidade diante da violência**, afirmando a potência da expressão negra e periférica.

6. Dance para não dançar: atravessamentos entre a dança de rua e a juventude periférica da Vila Embratel

Refletindo sobre práticas pedagógicas e artísticas com jovens da periferia de São Luís (MA), o autor articula a Dança de Rua com as pedagogias de Paulo Freire e as teorias do movimento de Laban. O artigo reafirma a dança como instrumento de emancipação e protagonismo juvenil, mostrando como o corpo dançante se torna ferramenta de resistência e construção de cidadania nas brechas do sistema.

7. Do funk à disco: reapropriações estéticas de elementos das culturas estadunidenses em bailes dançantes em Aparecida de Goiânia-GO

A pesquisa analisa os bailes *Flashback* como espaços de tradução cultural, onde corpos periféricos reinterpretam estéticas afro-americanas. Utilizando a Corpografia Urbana como método, o autor discute as mediações entre música, corpo e pertencimento, mostrando como os bailes são também **territórios de invenção de identidades**. É um estudo sobre diálogos transnacionais, ancorado em vivências locais e pulsantes.

8. O contexto histórico-cultural do Hip Hop e das Danças Urbanas com seus desdobramentos na contemporaneidade

Este artigo constrói uma leitura panorâmica do Hip-hop e das Danças Urbanas no Brasil, abordando as tensões entre mídia, marginalização e institucionalização. O texto reflete sobre as disputas de poder dentro do próprio movimento e as contradições da legitimação acadêmica, propondo um olhar crítico sobre a metamorfose permanente dessas culturas que seguem resistindo e reinventando seus significados.

9. De Three Steps a PPUrban: trajetória coletiva em práticas de Danças Urbanas no interior do Rio Grande do Sul

O estudo narra a trajetória de um coletivo universitário que transforma a experiência estudantil em ação profissional. Ao relatar a criação do grupo PPUrban e seu projeto de extensão, o artigo reflete sobre as potencialidades da universidade como território de produção e profissionalização das Danças Urbanas, sinalizando o surgimento de novas redes de atuação no interior do extremo sul do país.

10. Composições imagéticas na sala L.U.A.: percepções, simbologias e representatividade

Neste ensaio visual, a arte do grafite assume papel central. A artista Carla Gisele transforma as paredes da UFPel em território simbólico de resistência, reunindo estudantes e pesquisadores em torno da cosmopercepção afrodiaspórica. As imagens da Sala L.U.A. expandem a ideia de dança para um campo visual, ancestral e coletivo, reafirmando o gesto artístico como potência política e educativa.

11. Corpo e resistência: a dança como ato político com Kico Brown

Encerrando o conjunto principal, a entrevista com Kico Brown, diretor da Cia Eclipse (Campinas-SP), constitui um testemunho histórico e afetivo sobre a consolidação das “Danças Urbanas” no Brasil. Em suas palavras, a dança é luta e futuro — um ato político que atravessa corpo e instituições. O artista reflete sobre as relações entre arte, esporte e educação, afirmando que persistir é coreografar resistência.

Sala de Ensaios – diálogos e desdobramentos

A seção *Sala de Ensaios* amplia as conexões entre educação, corpo e culturas populares, reunindo três experiências que atravessam práticas pedagógicas, tradições afro-brasileiras e processos de criação em dança. Os textos que compõem esta seção se aproximam do dossiê *Danças de Periferia e da Cultura Hip Hop* ao compartilharem o

interesse por pedagogias corporais que emergem de contextos plurais, críticos e inventivos, lugares onde o corpo dança, resiste e (re)cria saberes.

12. O artigo *Improvisação em dança na educação básica: uma experiência pedagógica com estudantes do ensino fundamental*, desenvolvido em Itumbiara (GO), propõe a improvisação como eixo metodológico para a liberdade de movimento e a construção criativa do conhecimento. A pesquisa mostra como práticas contemporâneas de dança podem ser integradas ao cotidiano escolar, estimulando a escuta sensível, a invenção e o pensamento crítico.

13. Em *Entre palmas, pisadas e batidas: práticas de ensino-aprendizagem em Dança do Coco de Roda no Ensino Médio em Recife/Pernambuco*, apresenta-se uma experiência educativa com a Dança do Coco de Roda, tradição popular pernambucana, no contexto da escola pública. O artigo propõe o ensino de repertórios tradicionais como estratégia de formação crítica e emancipatória, em que estudantes se reconhecem como sujeitos em cena, capazes de dialogar com o passado e projetar transformações no presente.

14. Encerrando a seção, *Muzenza: uma percepção sonora na dança cênica negro-brasileira* mergulha nas filosofias afrodiaspóricas de Ọsányin e Ọṣòṣì, articulando mitologia, som e corporeidade como fundamentos de uma estética negra de criação. Ao conectar saberes ancestrais às expressões contemporâneas, o texto afirma a potência da dança negro-brasileira como campo de invenção e reafirmação identitária.

Assim, os três ensaios que compõem esta *Sala de Ensaios* configuram um **território de diálogo e transbordamento**, em que educação, tradição e criação se atravessam. Juntos, convidam a pensar as danças como **formas de reexistência**, pedagogias do sensível e linguagens que inscrevem, no corpo e na cena, os rastros vivos das culturas populares e periféricas.

O dossiê *Danças de Periferia e da Cultura Hip-hop* é, antes de tudo, um **ato de escuta e celebração**. Reúne múltiplas vozes que, em uníssono ou contraponto, constroem um arquivo vivo das danças insurgentes no Brasil, do sul ao norte. Entre o chão do asfalto e o chão da sala de aula, entre o grafite e o texto acadêmico, os autores e autoras aqui reunidos dançam a palavra como forma de resistência, memória e futuro. Este volume é um **convite à descolonização do pensamento dançante**, à valorização dos saberes periféricos e à reinvenção dos modos de ensinar, pesquisar e viver a dança no país. Que cada leitura se faça também movimento e que cada corpo-leitor encontre, nestas páginas, uma brecha para criar seu próprio gesto dançante na história da dança.